Memorandum

Artigo

Limites do *logos* na Psicologia: o *mythos* como possibilidade resolutiva de um conflito epistemológico

The limits of logos in psychology: mythos as a potential solution to an epistemological conflict

Kenia Cristiana de Lima Alencar
https://orcid.org/0009-0006-3548-6962
Marta Helena de Freitas
https://orcid.org/0000-0003-1552-6016
Universidade Católica de Brasília
Brasil

Resumo
A despeito da predominância da perspectiva nomotética, quantificadora e racionalista na psicologia, defendida em nome de *Logos*, *Mythos* também teve o seu lugar na história desse campo científico e profissional. Este trabalho busca explorar, de forma diegética, como a psicologia se apropriou do discurso do *mythos* pela lente da psicologia analítica e do humanismo existencial. Busca-se, pois, compreender, em cada uma dessas abordagens, como o *mythos* foi tematizado e articulado com a dimensão da vivência e respectiva significação, destacando as convergências e divergências entre ambas, bem como suas contribuições e limites. Recorre-se às narrativas de dois casos/situações, Miss Miller e Déborah Blau, respectivamente presentes nas obras *Símbolos da Transformação: Análise dos Prelúdios de uma Esquizofrenia*, de Carl Jung, e *A Procura do Mito*, de Rollo May, devidamente contextualizadas historicamente, como forma de ilustrar, compreender e articular o modo como cada uma das abordagens se apropria do *mythos* e sua significação.
Palavras-chave: *mythos*; psicologia; sentido; imaginário.

Abstract
Despite the predominance of nomothetic, quantifying and rationalist perspective in psychology, sustained in name of *Logos*, *Mythos* also had its place in history of this scientific and professional field. This study explores diegetically how psychology appropriated the discourse on mythos through the lens of analytical and existential humanism. It is sought to understand in each one of these approaches how the mythos was thematized and linked to the dimension of living and the respective signification, highlighting the convergences and divergences in both, as well as their respective contributions and limitations. It is drawn two cases/situations, Miss Miller and Deborah Blau, present, respectively, in *Symbols of Transformation: Analysis of the Prelude to a Case of Schizophrenia*, by Carl Jung, and *The Cry for Myth*, by Rollo May, duly historically contextualized, as a way to illustrate, understand and compare the way in which each approach appropriates the *mythos* and its signification.
Keywords: *mythos*, psychology, meaning, imaginary.

CC BY NC

Adentrar no espaço entrelugares do imaginário mítico é uma tarefa desafiadora tanto numa perspectiva acadêmico - científica, quanto pela assunção de discorrer sobre *mythos* pela via do logos. Ou seja, versar sobre o *mythos* no meio científico é um assunto complexo e que pode levantar discussões e controvérsias. Devido à sua ampla envergadura semântica vigente na atualidade, pode ser valorado e compreendido como inverdade, ilusão, fábula ou ficção. Mas, por outro lado, também pode ser concebido como tradição sagrada, modelo exemplar ou como "mito vivo" (Eliade, 1963/2016). Nessa perspectiva, mito vivo é compreendido como um fenômeno humano, cultural, como uma atividade de criação do espírito, a qual organiza os dados da realidade de forma afetiva, fornece modelos de conduta para o ser humano e, portanto, dão sentido e valor ao mundo e à existência. É uma forma de ler e compreender o mundo que está à nossa volta, não de maneira analítica, mas sentida. Portanto, não será no sentido usual da linguagem coloquial contemporânea - mito, que o valora pejorativamente como inverdade, que se desenvolve esta pesquisa. O que antes nos interessa é captar o seu papel para a dimensão do sentido, o *mythos* como linguagem sintética desse sentido e sua integração com a psicologia, a ciência que compreende ambos os troncos da existência humana - o entendimento e a sensibilidade.

Como citado anteriormente, o *mythos* assumiu diversas concepções no decurso da história do pensamento, mudando de semântica desde a pré-história até os dias atuais. Segundo Eliade (1963/2016), para o homem arcaico, o *mythos* é a linguagem que decifra o mundo, confrontando o homem com o mistério. Portanto, ele é concebido como uma história sagrada, verdadeira, que comunica os eventos do mundo, "desde a cosmogonia até fundação das instituições socioculturais" (p.126). Já na Antiguidade Grega, o *mythos* inspirou toda uma cultura, estando presente na poesia, na tragédia, nas comédias, nas artes e, essencialmente presente no diálogo platônico, aonde conviveu dialética filosófica e poesia, numa relação de hierarquia. Sem embargo, a cultura grega submeteu o *mythos* ao discurso filosófico analítico, laicizando-o e "desmitificando-o". Segundo Eliade (1963/2016), foi a cultura grega quem inaugurou a acepção de ficção ao vocábulo *mythos*. Sucessivamente, com o advento do Cristianismo, o *mythos* também adquiriu uma nova forma, intensificando a noção de ficção, sendo rotulado de "apenas um mito" (May, 1991/1993, p.11). Na afirmação da mensagem cristã, como a verdadeira, os mitos gregos foram combatidos, sendo compreendidos como inverdades. A partir da Renascença, recuperou-se a mitologia erodida do mundo cristão, tornando-se objeto de estudo nas criações literárias e artísticas, já a partir de uma mitologia secularizada e compreendida como um panteão, uma biografia de deuses. Tais acepções, a partir da cultura grega, convivem no mundo atual, com predomínio do sentido de ilusão e inverdade. Como na tradição da cultura ocidental aprendemos a pensar racional e analiticamente, tal definição se ancorou. Diante desse percurso histórico, o *mythos*, cuja estrutura se mostra aparentemente diluída na atualidade, continua a viver nos

meios de comunicação, nos *Comics*, nos filmes, na literatura e, inclusive, na psicologia, o foco de estudo desta pesquisa.

Em que pese essas diferentes valorações do *mythos*, aqui nos dirigimos ao seu papel configurador de sentido, complementando e alargando os horizontes de uma racionalidade instrumental. Endereçamos à ciência da psiquê o problema de olhar para o *mythos* como uma possibilidade de regime discursivo, analisando sua integração com a psicologia e o seu papel na atribuição de sentido. É na forma como nos coloca Rollo May, psicólogo de base existencial humanista, que se situa as condições com as que se concebe e apresenta esta pesquisa: "Enquanto a linguagem empírica refere-se a fatos objetivos, o mito refere-se à quintessência da experiência humana, o sentido e a importância da vida. A pessoa inteira fala a nós, não apenas nosso cérebro" (May, 1991/1993, p.13). Solidarizando-se com essa colocação, por um lado, apresenta-se a problemática da questão existencial do sentido da vida; e, por outro, as bases epistemológicas da psicologia. Dessa forma, o *mythos*, que se apresenta como cocheiro, o protagonista neste estudo teórico, é quem vai conduzir ambos os cavalos – sentido e epistemologia, assumindo uma dupla função: primeiro, desvelando seu caráter significativo, como um modo de dar sentido à existência e, segundo, como um convite, isto é, uma oportunidade de reflexão de ordem epistemológica para a psicologia ao abordar os temas existenciais.

Como comentado anteriormente, o *mythos* comumente visto como ficção ou mesmo irracionalidade, pode suscitar questionamentos acerca de sua relevância para a ciência como um todo, e nomeadamente para a ciência da psiquê, que em sua trajetória é demarcada por uma instabilidade epistemológica, tendo em vista a sua entronização artificial (Bucher,1981). Dessa forma, nesta pesquisa, adota-se uma perspectiva integradora, relacional, e não excludente, desvelando-se a cooperação entre ambos os segmentos, *mythos* e psiquê, ou seja, mundo encantado e ciência, trazendo uma perspectiva epistêmica ecológica, arrefecendo possíveis estigmas, procurando apontar contribuições, limites e perspectivas futuras sobre o papel do *mythos* na psicologia e na compreensão das discussões existenciais.

Estudos anteriores, de cunho epistemológico, apontaram para a prevalência do ímpeto nomotético e quantificador na psicologia (Bucher,1981; Alencar & Freitas, 2023a), inclusive no que diz respeito aos assuntos existenciais. Tal dado também foi enunciado por Figueiredo (1991/2013) à sua época, ressaltando o caráter prolífico da matriz cientificista, sinalizando que em nenhum momento da trajetória histórica da psicologia arrefeceu o caráter nomotético e quantificador: "num curto espaço de tempo (aproximadamente 40 anos) emergiram quase todas as variedades da prática psicológica voltadas para a formulação de leis gerais e para a quantificação" (p.53). Tais premissas, quando permutadas para estudo do homem concreto, não dão conta de sua dimensão (Bucher, 1981). Elas têm sua aplicabilidade e extensão, porém são insuficientes para dar completude à compreensão do ser humano, da

experiência vivida e de suas significações.

Adicionalmente, estudos anteriores sobre *mythos* e psicologia direcionam, em sua grande maioria, para as contribuições da Psicanálise, de Sigmund Freud (Mano et al., 2018; Souza & Rocha, 2009) e da Psicologia Analítica, de Carl Jung (Serbena. 2010; Alonso 2009), sendo as duas grandes ordens de abordagens psicológicas que incorporaram o *mythos* em suas bases teóricas. Tornaram-se, portanto, referenciais na Psicologia, ao falar-se sobre *mythos*.

Cada uma dessas abordagens integra diferentes matrizes do pensamento psicológico. A psicanálise freudiana contém elementos da matriz cientificista, da submatriz intitulada funcionalista organicista, que recupera ingredientes do funcionalismo biológico, em especial da biologia evolutiva de Darwin e o estudo dos instintos. Entretanto, assinala-se que a psicanálise freudiana é tributária também de outras tradições como a filosófica, filológica e mística (Figueiredo, 1991/2013). Mesmo abrindo caminho para a entrada do *mythos* na psicologia, Freud concebia o homem como produto da sua dimensão biológica, sendo determinado por seus instintos, num conflito entre organismo e ambiente. A psicologia analítica, por sua vez, também integra elementos de ambas as matrizes. Carl Jung (1962/1986) foi psiquiatra e aplicou métodos de pesquisa de observação alinhados com a abordagens cientificistas, desenvolvendo o teste de associação de palavras, por exemplo. Mas, principalmente, enfatizou não apenas conceitos de qualidade romântica, como arquétipo e inconsciente coletivo, como também métodos, como uso de mandalas e interpretação de sonhos (inaugurado por Freud), que destacam a riqueza da experiência subjetiva e o papel dos símbolos na compreensão do eu.

Considerando-se o exposto, o presente artigo visa pôr em relevo as contribuições epistemológicas, no âmbito da psicologia, que valorizaram o *mythos*. Assim, a partir de um discurso diegético, busca-se desvelar especificamente o aporte de tais abordagens às questões existenciais, em contraponto às reverberações e reminiscências da tradição positivista no trato de tais questões no âmbito dos estudos e da prática psicológica.

Dessa forma, seguindo o fio de Ariadne das matrizes românticas e pós-românticas, neste artigo, busca-se conhecer como o discurso do *mythos* foi integrado à psicologia, compreendendo o imaginário e a subjetividade, uma vez que o impulso nomotético e quantificador se mostrou marcante no histórico da psicologia. Recorre-se, assim, em ordem cronológica, à psicologia analítica de Carl Jung, que mesmo possuindo elementos de ambas as matrizes – cientificista e romântica, enfatizou fortemente a importância da subjetividade e dos processos simbólicos, e da exploração de dimensões mais profundas da psique humana, voltando-se para o inconsciente. E, em seguida, recorre-se ao humanismo-existencial de Rollo May, que buscou compreender a experiência individual e promover o desenvolvimento humano mediante a consciência na lida com as questões existenciais. As correntes da psicologia humanista, com traços da submatriz romântica, dita vitalista natu-

rista, apregoa o interesse estético no lugar do tecnológico, o antirracionalismo e a vivência autêntica (Figueiredo, 1991/2013). As correntes da psicologia existencial, por sua vez, cujo bojo está na submatriz pós-romântica, chamada de compreensiva, visa individualizar o sujeito e descrever sua existência concreta pelos atos comunicativos-expressivos (Figueiredo, 1991/ 2013).

Nesse horizonte, este artigo se origina a partir de uma postura epistemológica que se fundamenta na tradição fenomenológica *husserliana*. Ela privilegia a compreensão profunda dos fenômenos tais como aparecem para a consciência. Sendo assim, a partir do conceito de *epoché*, suspende-se pressuposições para considerar o fenômeno estudado em sua essência: o *mythos*, compreendido como o campo da sensibilidade, como uma possibilidade epistemológica complementar ao logos, entendido como razão e técnica, numa psicologia contemporânea que ainda lida com assimetrias epistemológicas. Essa postura emerge sobretudo ao lidar com temas que compreendem a dimensão noética do ser humano, aquela que toca temas transcendentes, como religiosidade e espiritualidade, e existenciais, como vazio e sentido, os quais demandam da sensibilidade em suas três esferas: epistemológica, existencial e espiritual.

Dessa forma, conforme mencionado, neste artigo, estabelece-se diálogo com com a Psicologia analítica de Carl Jung, por ter incorporado o *mythos* de forma ampliada, tanto no nível epistemológico, como clínico e operativo e o existencialismo de Rollo May, em sua abordagem do *mythos*. Ressalta-se que a fenomenologia exerceu influência no entendimento da psicologia como uma ciência compreensiva, e tal mediação se deu em grande parte pela tradição existencialista, em especial ao despertar o interesse numa descrição mais rigorosa de existência, a partido método fenomenológico (Figueiredo, 1991/2013). Portanto, nessa perspectiva, podemos compreender o existencialismo de Rollo May como também de raízes fenomenológicas, onde o psicoterapeuta enfatizou a experiência vivida dos pacientes, seu modo de existir e seus valores, para além de uma psicologia de ajustes de sintomas (May, 1977).

Estendendo esta lógica ao plano narrativo, como a palavra *mythos*, na sua etiologia, significa contar, narrar algo a alguém, decidiu-se, neste artigo, adotar uma postura diegética para contar os episódios em que a psicologia se encontrou com o *mythos*. A pretensão é desvelar como as orientações teóricas que tomaram partido dessa postura deram tratamento ao *mythos* e à significação e, assim, apontar suas contribuições, limites e seus desdobramentos para a contemporaneidade. Optou-se por não adotar diretamente o discurso filosófico-científico, descrevendo explicitamente teorias e conceitos, mas, a partir das narrativas, pretende-se trazer à baila tais categorias, perspectivando uma diferente forma de apreender o mundo, a partir da postura do *homo narrans*. A essa ideia de narrativa, Merleau-Ponty (1945/1999) fez uma profícua colocação no prefácio da *Fenomenologia da Percepção*: "A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido

uma história narrada pode significar o mundo com tanta profundidade quanto um tratado de filosofia" (p.19).

Para conduzir o artigo, portanto, apresenta-se duas narrativas na seguinte sequência: a primeira, presente na obra de Carl Jung - *Símbolos da Transformação: Análise dos Prelúdios de uma Esquizofrenia* (1952/2011) e a segunda, uma ficção presente na obra de Rollo May – *O Homem a Procura do Mito* (1991/1993). No primeiro relato, apresenta-se o caso de Miss Miller, a qual não foi cliente direta de Carl Jung, mas, através de seus relatos escritos, inspirou e materializou o pensamento junguiano, contribuindo na formalização e sistematização de sua teoria e conceitos. E, por outra parte, apresenta-se o caso Déborah Blau, uma ficção contada por Rollo May na sua obra *A Procura do Mito*, ilustrando o imaginário mítico e duas distintas posturas epistemológicas.

Assim sendo, antes de passar ao relato das duas protagonistas, façamos um breve mergulho histórico nas paragens do *logos* e do *mythos*, complementando o quadro teórico-epistemológico da psicologia.

O *logos* e o *mythos* na Psicologia: uma breve jornada histórica

Ao falar do *mythos* na psicologia, considera-se essencial também trazer ao cenário a sua outra face - o logos, que esteve presente desde sua irrupção, complementando o pensamento psicológico nesse histórico de instabilidade epistemológica da ciência da psiquê. Traço esse característico e que mantém sempre atual o projeto de unificação filosófica e metodológica da psicologia (Figueiredo, 1991/2013, p.38). Por conseguinte, para uma melhor compreensão do papel do *logos* na Psicologia, assim como da incorporação do *mythos* às suas bases, apresenta-se aqui um breve decurso histórico, da história filosófica da psicologia, compreendida como "estudo do desenvolvimento histórico do conhecimento psicológico" (Laurenti et al., 2016, p.125), desde a irrupção da mesma como ciência, de forma a significar seu processo de entronização.

A instabilidade é um sintoma que acompanha a Psicologia desde a sua origem ou irrupção, que sempre vem buscando se reafirmar como ciência. A tese defendida por Figueiredo e Santi (1997) sobre o princípio da psicologia é de que ela só passou a existir a partir da Modernidade, quando uma série de transformações a nível social, filosófico, econômico e metodológico fomentaram a irrupção da mesma como ciência. Dessa maneira, um novo *modus* vivendi contribuiu para aparição de um novo objeto: a subjetividade privatizada, a partir de um eu corporificado, quando o referencial passou a ser individualizável, a moral cristã se diluiu e novos valores secularizados se instauraram. Esse contexto demarcado pela Modernidade, caracterizado pelo *cogito ergo sum*, de René Descartes (1637/1991) e pelo compromisso metodológico do mecanicismo das ciências modernas influenciaram profundamente a irrupção da psicologia. A m*etáfora do relógio* (Capra, 1996) e o *ballet de Coppelia* (Beaumont, 1953) ilustram bem o espírito dessa época e seguem inspirando

o exercício da psicologia, que, mesmo passando por momentos de crises, como manifestado por Edmund Husserl na *Crise da Humanidade Europeia* (1935/2002), gradualmente vem se aprimorando às necessidades da existência humana e atualizando seus métodos.

O sistema mecanicista, que influenciou a psicologia, pode ser compreendido pela metáfora do relógio (Capra, 1996), um aparelho composto de partes, com pequenas peças formando uma engrenagem que funcionam como um sistema. Para que o relógio funcione, é preciso um agente externo que dê corda e faça o sistema funcionar. Mediante essa metáfora, a natureza e o homem são vistos como um relógio, que facilmente desmontado e reduzido a peças simples, torna-se inteligível e, consequentemente, a partir dessa visão, pensa-se compreender o funcionamento do todo. Dessa forma, o espírito de outrora, que se caracterizava por ser organicista e contemplativo, como o dos gregos e do período proto-moderno, cedeu espaço ao mecanicismo, cuja cosmovisão antropocêntrica vê o homem como uma máquina, capaz de produzir coisas e exercer seu domínio sobre a natureza. Personagens como Galileu e Descartes fizeram essa dissecação do mundo encantado de outrora e, através do trabalho teórico, do raciocínio e uso da razão transcenderam a ordem do realismo ingênuo e permitiram o salto da ciência, com seu consequente avanço técnico, por terem teorizado e aplicado um padrão inteligível - o da matemática, à investigação da natureza.

Visto pela lente do teatro, o *ballet de Coppélia*, datado de 1870, também narra a expressão dessa natureza mecânica. Coppélia, uma boneca criada pelo cientista Coppelius, estava diariamente sentada à beira de uma janela, com um livro em mãos, mas nunca conversava com ninguém. Franz, um jovem rapaz que a via com frequência, acaba se apaixonando por ela, sem saber de sua natureza mecânica, mesmo sendo esposado com Swanilda. Essa, ao ver o noivo jogar beijos para Coppélia, impulsionada por ciúmes, um dia entra na casa de Coppelius, descobre a natureza da boneca, e acaba se disfarçando da mesma para tentar reconquistar o noivo. Nesse novo cenário, o caos se instala, mas logo os noivos se reconciliam e a vida retoma seu curso normal. Coppélia era tão perfeita mecanicamente, que seu inventor, um alquimista solitário, também se apaixonou por ela e procurou usar a magia para trazê-la *ànima*, pois o mundo mecânico estava desencantado (Beaumont, 1953).

A estória de Coppélia parece reverberar inclusive na atualidade, pois desde a vitória do iconoclasmo na história do desenvolvimento da ciência, o espaço da imaginação simbólica ficou eclipsado, valorizou-se mais as *hard sciences* que as ciências humanas (Durand, 1995) e o mundo secularizado ficou menos encantado (May, 1991/1993). Tão desencantado parece estar que se evidencia na atualidade alto nível de sofrimento psíquico, com destaque para a depressão, sendo considerada o mal do século XXI pela Organização Mundial de Saúde (2022).

Esse compromisso metodológico mecanicista também se refletiu na psicolo-

gia e se fez condição de possibilidade para seu advento. Da mesma forma que a natureza foi mecanizada, o sujeito humano também foi submetido ao mesmo projeto. Assim como a modernidade construiu grandes relógios e bonecas como Coppélia, que imitavam a natureza e que podiam ser manejáveis, replicáveis e reconstruídos, ela também colocou o ser humano na mesma condição. Não só o universo sideral foi matematizado por Kepler (1571-1630), como também o universo particular se tornou objeto do mesmo método. Em consonância com esse mesmo espírito de época, a psicologia, na sua irrupção, requereu afirmar que o psiquismo, tal como o relógio de corda ou a figura de Coppélia, era um sistema, isto é, um conjunto de forças constituintes de um eu mecanizável.

Essa foi então a concepção moderna do objeto da psicologia, visto de forma mecânica: um aparelho psíquico, análogo aos objetos das ciências exatas. A entronização artificial da Psicologia diz respeito a esse processo de pedir emprestado o método das *hard sciences*, para uma ciência que diferia daquelas, já que seu objeto de estudo era o ser humano, dinâmico, imprevisível e mutável. Wilhelm Wundt (1916/2013), conhecido como o fundador da psicologia, para estudar o fenômeno psicológico, tomou emprestado e aplicou o método naturalista na psicologia, importado das ciências naturais, cuja metodologia foi a da observação e da experimentação. Assim, Wundt teceu duas categorias. De um lado, a psicofísica, que se baseou no método experimental e estudou os produtos mentais individuais com funções mais simples, tais como a sensação, percepção e representação, que deviam ser estudadas em laboratório. De outra parte, a *Volkerpsychologie*, que se baseou no método observacional, e estudou as várias etapas do desenvolvimento mental humano que se manifestavam na linguagem, artes, costumes sociais, moral e nos mitos, cuja dimensão psicológica tem a ver com o sentido e a significação do homem no mundo. Sua psicologia experimental ganhou renome, e foi ela responsável pelo batismo da Psicologia como a nova ciência. A *Volkerpsicologie*, mesmo com sua obra extensa em dez volumes, não obteve o mesmo status e ficou em segundo plano na história da ciência da psiquê.

Paralelamente à psicologia de Wundt, também se desenvolveram outras correntes, fora do cenário cientificista, que buscaram valorizar a experiência subjetiva e compreender os saberes culturais. Não se opuseram à ciência, mas à absolutização do paradigma científico, que empobreceu, de certa forma, a compreensão dos problemas humanos. Desse modo, inclinando-se para o discurso do *mythos*, e dando outro enfoque à psicologia, emergiu também outra forma de cientificidade, como a psicologia do ato, e correntes psicológicas de matrizes fenomenológica, existencial e humanista (Freire, 2008). Assim, foi Franz Brentano (1838-1917), contemporâneo de Wundt (1832-1920), quem ficou conhecido como o criador da psicologia do ato. Isto é, definindo a psicologia como ciência da alma, Brentano distinguiu ação de estado mental. Se em Wundt, a consciência era concebida como estática, um repositório de conteúdos mentais, Brentano a concebeu como movi-

mento. Assim, tanto as percepções como os sentimentos são compreendidos como atos mentais dirigidos a alguém ou alguma coisa. Logo, a consciência se define como intencional, dirigindo-se a um objeto ou a ela mesma (neste caso, como exercício de autorreflexividade). O fenômeno psicológico, portanto, é compreendido como o pensar, o sentir e o imaginar, mas não propriamente como objeto imaginado e representado em algum conteúdo que componha uma consciência, enquanto reservatório ou instância psíquica (Brentano, 1874/2009).

A fenomenologia emerge nesse cenário, aonde Brentano foi o precursor e Edmund Husserl aquele que a desenvolveu, assumindo o papel de pai da fenomenologia. Essa corrente se dedica a estudar os fenômenos, compreendidos como aquilo que se mostra à consciência, num encontro entre o movimento da consciência em direção ao objeto e a apresentação desse à consciência. A fenomenologia visa estudar o fenômeno puro, tal como se apresenta, despido de camadas e pressuposições. Sua tarefa é a de estudar e compreender a significação da vivência. Almeja ser "a ciência das essências e não dos fatos" (Husserl, 1935/2002, p.41). Ressalta-se que, para Husserl, a essência não é algo estático, que está contido no objeto e tampouco na consciência, mas ela se dá no fluxo contínuo entre consciência e mundo. Ela emerge no encontro da consciência que se dirige a um objeto, e desse mesmo objeto que se apresenta à consciência. Ou seja, advém da vivência desse encontro, uma constituição intersubjetiva do mundo - o mundo da vida.

A fenomenologia exerceu influência em várias outras correntes, como o humanismo e o existencialismo, destacando a importância da experiência subjetiva. O humanismo assinala a importância do autoconhecimento, de uma vida autêntica e se volta para o desenvolvimento pessoal e a promoção do potencial humano. Já o existencialismo, concentra-se nos ideais de liberdade e responsabilidade, no confronto da angústia existencial e na busca de significado.

A Psicanálise freudiana também se insere nesse movimento do *mythos*, incorporando-o em seu *corpus analiticum*. Imerso num contexto cientificista e sendo dele também partidário, enquanto médico, Freud familiarizou-se com a biologia e a fisiologia. Mas, a despeito disso, ousou trazer para o panorama científico o inconsciente, a validade dos sonhos e o paracosmo mítico. O inconsciente assume papel de relevância e a ele se atribui grande parte das atividades mentais. Assim, assumindo a postura do determinismo funcional, como interpreta Figueiredo (1991/2013), Freud considerou que todas as manifestações psíquicas têm uma função. Portanto, os sonhos não são meras casualidades, mas têm uma função e um sentido a ser interpretado. Dessa forma, Freud reconhece nos sonhos e nos recursos mitológicos uma forma de aceder ao inconsciente, sendo ambos introduzidos na elaboração de sua teoria psicanalítica.

Conforme se expôs acima, entre as idas e vindas do logos e do mythos, assim se compõe o quadro da psicologia, como um quebra-cabeças que está sendo montado. Apresenta-se, portanto, de forma múltipla e diversificada, ora privilegiando

uma linguagem objetiva e racionalista, e ora reivindicando expressão e subjetividade, um solo rico de nutrientes, porém instável. Essa instabilidade da Psicologia em relação ao seu objeto de estudo e os seus métodos parecem perdurar até hoje, num vai e vem entre os ecos das diferentes matrizes cientificistas, românticas e pós-românticas no pensamento psicológico, mas ainda com predomínio das correntes da primeira ordem, em especial no contexto acadêmico, onde se situam os laboratórios de pesquisa e o ensino para a profissão.

Assim posta a questão, observa-se que o "encanto do mundo" ficou à espreita nas paragens das ciências modernas e, consequentemente, no cenário das origens da psicologia. Além do mais, tendo em vista a insuficiência em compreender o sentido e o significado a partir das premissas objetivas e quantificáveis, busca-se aqui retomar esse encanto perdido das civilizações pré-científicas. Ou seja, recorre-se ao domínio do imaginário, tão rejeitado na história da ciência ocidental (Azevedo, 2018), através da dimensão do *mythos*, seja concebido como alegoria ou como tautegoria, para melhor compreensão do sentido da existência, do processo de simbolização do mundo circundante e de seu manejo na teoria da psicologia e na prática clínica.

Nessa perspectiva, retomamos aqui o discurso mítico na leitura dos dois teóricos previamente apresentados: de parte do continente europeu, elege-se um autor que vem de dentro da psicanálise europeia - Carl Jung (1875-1961), fundador da psicologia analítica e, ao mesmo tempo, discípulo e dissidente de Sigmund Freud (1856-1939). Por outra parte, é trazido ao cenário, outro teórico que vem de dentro do humanismo existencial americano - Rollo May (1909-1994), psicólogo que bebeu da fonte dos existencialistas europeus. Ambos os teóricos apresentam perspectivas teóricas não fundamentalistas. Isto é, Carl Jung bebeu da fonte da psicanálise a partir da qual propôs uma nova teoria, considerando uma visão mais ampla e simbólica dos instintos propostos por Freud, com o conceito de arquétipo inserido no contexto de inconsciente coletivo (Jung, 1952/2011). Rollo May, por sua vez, também congrega diferentes correntes psicológicas e literárias, inclusive com influências Neo-Freudianas (Ponte, 2011). Dessarte, recorremos às duas narrativas apresentadas em suas obras, tratando-se de dois casos clínicos. Um primeiro baseado em fatos reais: o caso *Miss Miller*, de Carl Jung. E um segundo, fictício: o caso Déborah Blau, trazido por Rollo May, para ilustrar o diálogo entre psicologia e *mythos*. Mais detalhes sobre o caminho explorado da pesquisa será explicitado no método e, posteriormente, apresentado nos resultados, com a exposição de ambas as narrativas.

Método

O método adotado neste estudo inspira-se na investigação histórica de teorias e conceitos psicológicos explicitada por Laurenti et al. (2016), especificamente no nível de pesquisa teórica que explora o mesmo tema em distintas tradições teó-

ricas. No caso aqui apresentado, explora-se o tema do *mythos* em duas tradições: a psicologia analítica e a existencial-humanista, buscando trazer desbordamentos para a contemporaneidade.

Iniciou-se o processo com uma busca exploratória sobre o material já publicado acerca dessa temática, referenciado nas tradições citadas. Primeiro, consultou-se obras gerais de referência, como manuais gerais de psicologia. Dentre eles: História da Psicologia Moderna (Schultz & Schultz, 1998), Matrizes do Pensamento Psicológico (Figueiredo, 2013), Teorias da Personalidade (Fadiman, & Frager, 1986) e Raízes da psicologia (Freire, 2008), para familiarizar-se com o caminho histórico da psicologia, identificando as correntes psicológicas objeto de estudo deste artigo, sua contextualização e fundamentação epistemológica.

Adicionalmente, para cada teórico selecionado, buscou-se obras significativas sobre o tema do *mythos*. No caso das obras de Carl Jung, tratou-se de um processo sistemático, pois encontrou-se diversidade nas suas publicações. Como o recurso diegético mostrou-se como alternativa de redação da pesquisa, a partir da leitura prévia de uma obra de Rollo May, iniciou-se o processo de busca de material de referência de Jung, a começar por seus casos clínicos. Buscou-se aquele que se mostrasse emblemático. Dessa forma, iniciou-se a busca a partir da literatura primária, rastreando-se as obras de Jung e o resumo das mesmas. Dentre sua coletânea, elegeu-se como material de referência: *Memórias, Sonhos, Reflexões* (Jung, 1962/1986) e *Símbolos da Transformação*: Análise dos Prelúdios de uma Esquizofrenia. (Jung, 1952/2011). A primeira fornece uma visão ampla da vida e do pensamento de Jung, contemplando diferentes fases de sua vida e o desenvolvimento de suas ideias psicológicas, trazendo a importância dos símbolos e do *mythos*. A segunda, uma obra que passou por várias reedições, foi concebida no momento de cisalhamento da relação de Jung com Freud, quando Jung elabora sua teoria. Pitorescamente, o psicoterapeuta suíço revelou através de suas páginas um conteúdo emblemático: os relatos de um caso real, de uma personagem que personificou todo o seu arcabouço teórico - *Miss Miller*, de forma extremamente detalhada. Na primeira obra citada, Jung também menciona alguns de seus casos clínicos, como o caso de uma jovem diagnosticada com esquizofrenia, mas que após seu tratamento e do experimento de associação de palavras, descobriu outro diagnóstico - perturbação psicogênica, pois tratava-se, na realidade, de uma criminosa em estado de depressão. Além deste, Jung também menciona uma série de outros casos, de forma mais superficial e resumida. Dessa forma, diante dessa amostra de casos encontrada, decidiu-se trazer para o escopo da pesquisa, o caso de *Miss Miller*, pois contava com amplo material, inclusive com escritos do próprio punho da jovem, além de ser um relato extremamente simbólico na concepção da analítica junguiana.

No caso de Rollo May, o processo foi mais simples. Numa busca eletrônica, identificou-se a obra *A Procura do Mito* (May, 1991/1993), sendo prontamente in-

cluída como material de consulta, pois nela, o autor destaca a necessidade humana de *mythos*, desvelando a sociedade de sua época carente de sentido e diagnosticada com depressão. A obra composta de quatro partes, concentra-se na função do *mythos*, descreve o panorama do *mythos* nos Estados Unidos, no mundo Ocidental e "mitos de sobrevivência". No desenrolar de suas páginas, Rollo May descreve uma narrativa trazida de uma obra de ficção intitulada *Nunca lhe Prometi um Jardim de Rosas* (Greenberg, 1974) para ilustrar não somente o tema da esquizofrenia, como também destacar a necessidade humana de *mythos*. Tal estória mostrou-se emblemática e significativa sobre a temática do *mythos* e psicologia, despertando o interesse da autora, como leitora e pesquisadora do assunto. Com efeito, foi a partir desse contato que emergiu a ideia de mostrar os resultados desta pesquisa a partir da contação de histórias.

Considerando o acima exposto, e mediante a leitura de ambas as obras, decidiu-se enveredar pelo caminho diegético, isto é, utilizar o recurso das narrativas, uma vez que em ambas as obras, esse recurso foi explorado, de forma a ilustrar e sinalizar a importância do universo de imaginário mítico e sua integração na psicologia. Dessa forma, "tomou-se emprestadas" e inspirou-se em tais narrativas, para ilustrar a pesquisa teórica que se faz neste artigo.

De maneira complementar, buscou-se também a literatura secundária, recorrendo-se a artigos e monografias sobre ambas as tradições e autores. De forma panorâmica, e sem protocolo de revisão sistemática, foram feitas duas buscas exploratórias no Portal de Periódico da CAPES. Na primeira, de caráter mais genérico, usou-se como descritores: "mitologia", "mito", "*mythos*", "teoria da psicologia", "história da psicologia", "epistemologia", "psicologia", "*myth*" e "*psychology*". Nessa busca, intencionou-se verificar qual (ou quais) o(s) referencial(is) teórico(s) mais frequentemente citados ao tratar da relação psicologia e *mythos*. Evidenciou-se que a maior parte dos registros se direcionou à Psicanálise, com referência à Freud, mas ainda mais em relação à Psicologia Analítica Junguiana. Por outra parte, como neste artigo busca-se pôr em relevo o papel do *mythos* nesse campo científico e profissional, trazendo à baila a contribuição das matrizes psicológicas românticas e pós-românticas no entendimento das questões existenciais, buscou-se também referências de teóricos dessas tradições que se apropriaram do discurso do *mythos.* Assim, num segundo momento, na mesma base citada, usou-se como descritores: "existencialismo", "humanismo", "fenomenologia", "psicoterapia", "mito" e seus correlatos em inglês. Como resultado, apontou-se para psicoterapia existencial de Rollo May. Dessa forma, foi identificada, então, a obra de referência usada nesta pesquisa – *A Procura do Mito*, assim como artigos cujo conteúdo abordavam o teórico e sua obra.

Os registros selecionados auxiliaram a tomar conhecimento sobre o que os estudiosos falaram sobre os dois teóricos, objeto de estudo desta pesquisa. O conjunto dessas obras contribuíram para que a temática fosse apreendida de modo

contextualizado e literatizado, como é explicitado na seção de resultados.

Uma vez que o caminho da pesquisa foi descrito, mencionando a estratégia de busca, as obras selecionadas dos respectivos teóricos e as narrativas elegidas, apresenta-se, a seguir, a história das duas protagonistas que ilustrarão as teorias, conceitos, integração do *mythos* na psicologia e as suas contribuições para a dimensão do sentido e para a epistemologia: *Miss Miller*, narrada por Carl Jung e Déborah Blau, trazida por Rollo May.

O Potencial das Narrativas em Miss Miller, de Carl Jung, e Déborah Blau, de Rollo May

Partindo das premissas apresentadas, prospecta-se o trabalho em dois momentos: o primeiro através do imaginário presente na obra de Carl Jung, representado pelas fantasias de Miss Miller, mediante sua autosugestionabilidade, imaginação poética e sonhos reveladores. De outro lado, pelo imaginário de Déborah Blau, personagem originária de *Não lhe Prometi um Jardim de Rosas* (Greenberg, 1974), uma figura fictícia que Rollo May trouxe da literatura para a sua obra, de forma a ilustrar o universo mítico como elo e significação entre realidade e as complexidades da mente humana.

Da Psicologia Analítica de Carl Jung

Carl Jung foi um psiquiatra suíço responsável pela escola da Psicologia Analítica, que introduziu novos conceitos na psicologia como: arquétipo, inconsciente coletivo, sombra e sincronicidade. Na sua formação, interessou-se pelo inconsciente de Sigmund Freud, com quem trocou correspondências por um longo período, até o encontro pessoal, que rendeu treze horas de conversação ininterrupta, sendo matéria-prima para o mundo cinematográfico. Após um período de amizades, as teorias freudianas e junguianas começaram a divergir, pois Jung (1962/1986) passou a ver a concepção de Freud como limitante e redutora, ao considerar as afecções como provenientes da pulsão e do instinto. Freud, por sua vez, não concordava com os interesses de Jung em assuntos considerados não-científicos. Após a cisão, Jung seguiu seu próprio caminho e, mediante o arcabouço teórico da alquimia, da mitologia e o estudo das histórias das religiões, desenvolveu e fundamentou a Psicologia Analítica. Carl Jung foi um expoente muito emblemático da Psicologia, tanto pela relação inicial com Sigmund Freud como, posteriormente, por desenvolver sua própria teoria da Psicologia Analítica, coadunando-a com artes, mitologia e religião, além de apresentar profundos conhecimentos em alquimia. Introduz-se seus aportes para a compreensão do diálogo entre *mythos* e psicologia, a partir de um caso emblemático - as fantasias de Miss Miller, que foram o fio de Ariadne de sua obra intitulada *Símbolos da Transformação: Análise dos Prelúdios de uma Esquizofrenia* (1952/2011).

O Caso Miss Miller

Miss Miller, um pseudônimo utilizado por Jung, para descrever o caso clínico de uma paciente real, uma jovem mulher que tinha fantasias mitológicas, tal como ele mesmo as tinha, conforme descrito na autobiografia *Memórias, Sonhos, Reflexões* (1962/1986). Em sua obra *Símbolos da Transformação: Análise dos Prelúdios de uma Esquizofrenia* (1952/2011), Jung relata que ele não conhecia tal paciente, mas que elaborou o material fantasioso por ela apresentado, mediante as publicações de Theodore Flournoy (1854-1920), psicólogo suíço, autor de temas considerados controvertidos, como a mediunidade e experiências paranormais, que exerceu importante influência em Jung, à sua época. Assim sendo, Jung fez uma reconstrução do material inconsciente da jovem, diagnosticada com perturbação esquizofrênica, a qual foi considerada uma descrição tão acertada, que nem mesmo o contato pessoal do psiquiatra que posteriormente lhe atenderia, revelaria algo a mais sobre a mentalidade da jovem. Em suas próprias palavras, Jung (1952/2011) assinala que tal obra "representa apenas um comentário razoavelmente detalhado sobre a análise "prática" do pródromo de uma esquizofrenia" (p.14). E ainda, sobre os limites dos alcances médicos, asseverou que "um pouco de patologia e teoria das neuroses é totalmente insuficiente, pois esta área do conhecimento médico sabe apenas de uma doença, mas desconhece totalmente a alma que está doente" (Jung, 1952/2011, p.14). Dessa forma, o psicólogo suíço intencionou contribuir com sua psicologia analítica para uma melhor compreensão da alma humana, que extrapola os liâmes da organicidade, numa clara crítica aos limites da racionalidade biomédica.

Miss Frank Miller é retratada como uma jovem americana, que estudou com o psiquiatra Flournoy e construía uma promissora carreira de escritora. Era vista como uma mulher inteligente e de extrema introversão. Ela mesma descreveu suas fantasias, em forma de artigos, desvelando um fenômeno chamado de imaginação subliminal, como uma espécie de estado sonambúlico ou de semi-sonho (Massière, 2016). A partir dessa autobiografia é que Jung recria um retrato da autora. Com características de autossugestionabilidade, concebida como uma elevada capacidade de empatia e identificação, Jung ilustra alguns episódios nos quais a jovem americana exibe traços de hipersensibilidade e relata episódios de fantasia, mediante os quais aponta a importância do pensamento simbólico e emergência de sua concepção de inconsciente coletivo (Jung, 1952/2011). Segundo Massière (2016), essa obra possui importância capital na formulação teórica do *corpus* junguiano.

As fantasias de Miss Miller que compõem a obra incluem descrições de episódios de autossugestão, poemas criados a partir de revelações em sonhos e uma visão hipnagógica, um estado intermediário entre vigília e sonho, de um enredo intitulado o drama de Chiwantopel.

Em um dos episódios de autossugestão, assinala-se a passagem sobre a peça

de teatro de Cyrano de Bergerac. Nesse auto, a autora se identifica com um dos personagens, chamado Christian, uma figura considerada pouco expressiva na narrativa, mas que suscita fortes emoções em Miss Miller. Ela relata que num momento dramático da encenação, quando o personagem é desferido com uma arma metálica contra o peito, a dor fictícia ressoou com tamanha magnitude em seu peito, no exato local que o do personagem, que ela sentiu uma profunda, pungente e latente dor. É nesse momento da peça que o amor de Christian com Roxanne, encerra um fim trágico. Miss Miller sofre absurdamente o efeito das sugestões externas, colocando-se na mesma situação do personagem: "Este tipo de sugestão pode durar um minuto ou um segundo" (Miss Frank Miller citada por Jung, 1956/2011, p. 567). Ela mesma considera que as impressões de outros reverberam vivamente nela, como se fosse da própria pessoa. Jung considera que tal sintoma revela que sua alma possui motivações que se identificam com o ato encenado (Jung, 1956/2011). Portanto, oferece uma perspectiva da problemática pela qual a jovem está passando: o fim súbito do amor de Christian é o mesmo fim ao qual se destina o amor que ela possui, dada a sua relação insuficiente com a realidade. Miss Miller traz em sua trajetória o histórico de uma libido que não se desenvolveu adequadamente. Ou seja, ao se fechar para a realidade, o mundo da fantasia interior se engrandece (Jung, 1956/2011).

Outra passagem emblemática é a simbologia subjacente ao poema *O Canto da Mariposa.* A autora cria esse poema num desses momentos entre sonho e vigília e o significado psicológico do mesmo é explorado sob as lentes de Jung.

> Mas meu último esforço, como o primeiro desejo meu, será Apenas de tua gloria aproximar-me; depois, obtido Um vislumbre encantado, eu morrerei contente, Pois a fonte de beleza, calor e vida Em seu esplendor perfeito, por uma vez olhei (Miss Miller, citada por Jung, 1956/2011, p.102).

Os seus versos, de caráter melancólico, retratam a busca de uma mariposa pelo sol, duas coisas que numa visão realista, nunca se encontrariam, visto que a mariposa se queimaria no caminho do sol. Jung associa o poema ao Fausto de Goethe (Jung, 1952/2011), um personagem mitológico e literário, que ilustra a busca do homem por significado e recorre ao universo mágico em busca de respostas. Sua interpretação desvela a busca de miss Miller por Deus. O simbolismo da mariposa ilustra a figura da jovem, e o sol, uma representação do elemento Divino. Trata-se, portanto, segundo a visão junguiana, de uma imagem arquetípica, tal como retratado no *Fausto* e agora plasmado em Miss Miller, aonde os símbolos de mariposa e sol representam uma disposição da humanidade em busca do divino (Jung, 1952/2011).

O drama hipnagógico de Chiwantopel, outra emblemática criação de Miss Miller, conta a história de um personagem asteca, tipicamente trajado, que emerge a cavalo numa floresta e recita um monólogo suplicando encontrar a musa que o compreenderia e seria capaz de ler a sua alma. Ele mesmo faz seu prognóstico e

vislumbra que essa alma apareceria apenas depois de dez mil luas, passando por igual sofrimento e agruras pelos quais ele passava. Nesse momento de súplica, eis que surge uma víbora verde, pica-o em seu braço, e logo o seu cavalo. Primeiro sucumbe o animal e, em seguida, Chiwantopel desfalece, no momento em que um vulcão entra em erupção e a terra em tremor, cobrindo o seu corpo. Suas últimas palavras são: "*Ja-ni-wa-ma*" (Jung, 1952/2011, p.613).

A interpretação descrita na obra é que Chiwantopel é uma figura anímica que representa o herói. É a típica figura do filho-herói que busca a genitora, e que tem uma morte prematura. Interpreta-se que, de acordo com a sua história de vida, a autora viu sua libido não se desenvolver adequadamente, o que a levou a retroceder para o mundo mítico dos arquétipos. Isso ativou imagens que, desde tempos antigos, expressaram a vida não humana dos deuses. Jung (1952/1956) argumenta que, no caso de Miss Miller, uma jovem pessoa, essa regressão da libido foi impactante, sobrepondo à sua vida pessoal o drama arquetípico divino.

Jung aponta que as fantasias das pessoas abrigam símbolos inconscientes que não só revelam questões individuais, mas também refletem preocupações inerentes à humanidade como um todo. O processo representado por esses símbolos é o da cosmogonia psicológica, no qual o mundo e tudo nele são essencialmente criações do pensamento. Logo, o sacrifício da libido introvertida resulta, do ponto de vista psicológico, na formação do mundo em sua totalidade.

Essas são algumas das passagens descritas na obra de Jung que ilustram o universo imaginário de Miss Miller. Suas descrições foram tão ricas que inspiraram profundamente a elaboração da teoria junguiana. O próprio psicólogo comenta ao final da obra que se ele tivesse assumido o papel de terapeuta de Miss Miller, teria compartilhado com ela muitos dos conceitos expressos em seu livro, com o propósito de formar a consciência dela mediante a compreensão dos conteúdos do inconsciente coletivo (Jung, 1952/2011). Sugere-se que, talvez, se houvesse seguido essa tratativa, alguns desfechos de sua vida teriam sido menos trágicos e dolorosos. Segundo alguns autores, como Massière (2016) e Kerr (1997), Miss Miller representa a *ánima* de Jung, pois os relatos da autora fizeram despertar no interior do psiquiatra um arcabouço mitológico que ele já carregava consigo. A interpretação das fantasias de Miller pela via dos mitos fortaleceu o poder do imaginário, o pensamento simbólico e a ideia de um inconsciente coletivo.

Essa obra apresentada tem um simbolismo especial na trajetória de Jung, pois foi a partir dela que se demarcou o início do cisalhamento de sua relação com Freud e, a partir da qual ele começou a formalizar o seu *corpus analiticum*. Na epistemologia junguiana, o símbolo e a fantasia ganham papéis fundamentais, sendo aspectos a serem considerados na compreensão da alma daquele que sofre. Uma das premissas da Psicologia Analítica é a análise dos sonhos, tal como ficou evidente nos relatos de Miss Miller. Essa análise deve ser feita de modo simbólico e não literal, buscando-se um significado oculto neles. Deve-se acrescentar nesse

processo, um olhar sobre a biografia do analisado (Jung, 1952/2011), pois o sonho representa um mundo de impossibilidades, sem a preocupação com a realidade das coisas.

Nesse universo simbólico, faz-se a conexão direta com a dimensão do *mythos* e ganha *ánima* o conceito de inconsciente coletivo. Jung (1962/1986) diferencia um inconsciente pessoal do coletivo, caracterizando o primeiro como uma aquisição pessoal, cujo conteúdo de complexos origina-se na consciência, e o segundo, como a parte mais profunda da psique, a qual é herdada, e cujo conteúdo constitui-se de arquétipos, uma forma de pensamento primordial. O psicólogo suíço afirma que "o mito é o degrau intermediário inevitável entre o inconsciente e o consciente" (1962/1986, p. 53) e, portanto, é através dos mitos que o material coletivo descende à consciência. Além disso, afirma que "o inconsciente nos dá uma oportunidade, pelas comunicações e alusões metafóricas que oferece", sendo também "capaz de comunicar-nos aquilo que, pela lógica, não podemos saber" (p.34). Assim posta a questão, para uma melhor compreensão da envergadura do diálogo entre mythos e Psicologia expõe-se, a seguir, outra versão da integração entre as duas esferas, a partir das contribuições do humanismo existencial de Rollo May.

Do Humanismo Existencial de Rollo May

Rollo May foi um psicólogo americano fortemente influenciado pela corrente existencial europeia, especialmente pelo aporte filosófico de Paul Tillich e de pensadores como Friederich Nietzsche, Schopenhauer e Edmund Husserl. As psicologias existenciais de Ludwig Binswanger (1881-1966), Medard Boss (1903-1990) e Van Kaam (1920-2007) também lhe foram fonte de inspiração e conhecimento. Além disso, também foi discípulo de Alfred Adler e teve uma forte influência Neo-Freudiana (Ponte, 2011). Ele buscou compreender a singularidade do ser humano, enfatizando o que é vivido como sentido. Sua abordagem humanista contrastou com a psicanálise e o behaviorismo, destacando potencialidades inconscientes e promovendo uma visão mais positiva e prospectiva do ser humano. Rollo May reconheceu a contribuição de Sigmund Freud para o mundo da psicologia, mas questionou a ênfase que foi dada ao inconsciente, preferindo falar em outra expressão: "potencialidades inconscientes da experiência"(Ponte, 2011). Ele defendeu a conscientização como uma percepção clara das possibilidades existenciais, propondo que a psicoterapia deveria tornar conscientes esses contextos e seus sentidos possíveis. O tema central de sua psicologia foi a busca de significado e autenticidade na existência humana e sua abordagem enfatizou a importância das dimensões existenciais da vida, como liberdade, responsabilidade, escolha, angústia existencial e a busca por sentido, incluindo o tema da mitologia, como um meio de lidar com as questões existenciais e imprimir sentido à vida.

Para introduzir o ponto de vista do psicólogo existencial-humanista sobre a perspectiva do *mythos* e sua importância para a psicologia, expor-se-á uma narra-

tiva semi-autobiográfica, ilustrada em sua obra *O Homem a Procura do Mito* (May, 1991/1993), baseada no romance *Nunca lhe prometi um jardim de rosas* (Greenberg, 1974).

O Caso Déborah Blau

Déborah Blau, uma jovem de dezesseis anos que sofre de esquizofrenia, é internada numa instituição psiquiátrica para receber tratamento. Sua jornada no hospital abrange conturbados acontecimentos e lutas internas contra seus próprios demônios. Sua batalha é mais psicológica do que física, já que Déborah tenta superar os desafios da própria mente. Durante seu tratamento, emerge um mundo imaginário já previamente criado pela jovem, chamado de Yr, onde ela trava batalhas simbólicas que representam os seus desafios e conflitos internos. Nesse mundo paralelo, vários personagens, como deuses, demônios e seres cósmicos o habitam: Anterrabae era o deus Cadente e burlava-se dos sentimentos de Deborah; Coletor era aquele quem lhe fazia críticas; o Censor fazia a ponte entre as ações da jovem e a proteção do segredo do Reino de Yr; Lactamaeon, o deus Negro, era com quem dividia amor e ódio; e Pássaro-um, um ser alado e guia que encorajava Déborah a enfrentar seus medos, dentre outros personagens que constituíam um verdadeiro paracosmo. Essas figuras simbólicas e alegóricas, às vezes representando personagens como o pai, a mãe ou a própria jovem, e outras vezes, representando construções abstratas como conceitos ou sentimentos e a própria psique de Déborah, compunham o cenário terapêutico criado pela menina para lidar com o peso da realidade, com o medo, a sensação de solidão e, também, como estratégia de autoconhecimento para lidar e compreender seus próprios pensamentos e emoções. Era através desse universo simbólico que se manifestava parte de sua situação existencial.

Numa de suas idas ao sanatório junto com os pais, ao pernoitar num hotel, em quartos vizinhos, descreve-se a experiência de Déborah:

> No quarto vizinho, Déborah deitou-se disposta a dormir. O reino de Yr possuía uma espécie de zona neutra chamada o Quarto Nível. Só por acaso é que se podia alcançá-la. Fórmulas e atos de vontade eram inúteis. No Quarto Nível não havia emoções para afligi-la, nenhum passado e nenhum futuro contra o qual lutar. Nem memória. Perdia-se a posse de si mesmo. Nada, exceto fatos mortos que sobrevinham espontaneamente quando ela os desejava, despojados de emoção ou sentimento. Deitada na cama, subiu ao Quarto Nível. O futuro deixou de preocupá-la. As pessoas no quarto ao lado eram, supostamente, seus pais. Muito bem. Só que agora faziam parte de um mundo fantasmagórico, que pouco a pouco se desvanecia. Ela transitava sem dificuldade para um mundo novo, onde não se conheciam preocupações. Abandonar o mundo antigo equivalia a também abandonar os labirintos do reino de Yr, o Coletor de Outros, o Censor, e todos os deuses Yr. Revolveu-se na cama e mergulhou num sono profundo, sem sonhos, repousante (Greenberg, 1974, pp.8-9).

No dia seguinte, ao retomar o caminho de ida ao hospital psiquiátrico, Déborah se sentia reconfortada e confiante, pois seus mitos lhe proporcionaram esse amparo e acolhimento que lhe faltava no mundo real.

Rollo May (1991/1993) faz referência a esse romance na sua obra de forma a ilustrar a presença das figuras míticas no imaginário da personagem principal, chamando atenção para a profundidade imaginativa que compõe o histórico da narrativa. Reinos animados como o de Yr, também foram matéria-prima de ulteriores ficções como Guerra nas Estrelas, o filme do ET, dentre outros, que ganharam destaque como uma forma de mitos da contemporaneidade. Essa imaginação presente em Déborah e nas ficções do séc. XX e XXI, é um terreno de difícil fronteira, quando se analisa a existência da jovem do jardim de rosas, desconhecendo-se o limite preciso entre a imaginação e a patologia. Entretanto, esse imaginário está aí, ele existe e se apresenta como estratégia para apreensão do real, dando-lhe forma e significado. Não há como ceifá-lo da cosmovisão do homem.

Um ponto importante a se destacar na narrativa é a postura dos dois psiquiatras que atendiam à jovem: a Dra. Frieda Fromm-Reichmann, a titular do caso, e outro jovem psiquiatra, imbuído do racionalismo, que atende Déborah no período de ausência de sua médica titular. A Dra. Frieda, tomando partido do universo imaginário da jovem, comenta em uma das passagens:

> Bem, por hoje chega - anunciou a doutôra gentilmente. - Você fez bem em me falar sobre seu mundo secreto. Quero que volte e diga a esses deuses, ao Coletor e ao Censor, que não conseguirão me intimidar e que nenhuma de nós vai deixar de trabalhar, por mais poderosos que eles sejam (Greenberg, 1974, p.58).

Por outra parte, o jovem psiquiatra, prestando um serviço temporário, adotou uma conduta diferente: trabalhou as sessões com Déborah desconsiderando seu universo imaginário, pois via naquilo uma desnecessidade, apenas bobagens criadas por uma menina perturbada. O resultado foi que o estado de Déborah piorou, e ela causou uma série de incidentes no hospital, ateando fogo e se automutilando. O jovem psiquiatra racionalista desqualificou o universo particular da jovem de dezesseis anos, eliminou seu alicerce e refúgio e, consequentemente, Déborah perdeu suas referências e deixou-se abater.

Essa estória trazida por Rollo May em sua obra traz importantes *insights* não apenas a respeito da psicopatologia, mas também dos imperativos existenciais humanos. O psicólogo assinala a necessidade humana de *mythos*, não apenas a de Déborah na sua situação de crise, mas de todo e qualquer ser humano, em sua condição humana. Os *mythos*, segundo ele, são a "ponte entre o ser orgânico e o ser humano" (May, 1991/1993, p.7). Essa é mesma lacuna que Ernst Cassirer, filósofo neokantiano, apreciado por sua crítica da cultura, também apresentou em sua teoria das formas simbólicas, três décadas antes do psicólogo americano:

> Comparado aos outros animais, o homem não vive apenas em uma realidade mais ampla; vive, pode-se dizer, em uma nova dimen-

> são da realidade. Existe uma diferença inconfundível entre reações orgânicas e respostas humanas... Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico (Cassirer, 1944/1997, p.48).

Dessa forma, tanto na filosofia, pela posição de Ernst Cassirer, como na Psicologia, pelas lentes de Rollo May, os *mythos* são vistos com centralidade e como uma forma de elo que enlaça o mundo orgânico ao humano, elevando o homem de sua condição fisiológica. Efetua-se uma resposta ao estímulo externo não de forma direta, mas que passa por um processo de simbolização e significação. Ambos os teóricos ressaltam a importância do *mythos* para a existência e a sobrevivência, por proporcionarem à vida humana o domínio da significação, imprimindo um sentido na presença do homem nesse mundo externo que o cerca.

Rollo May também enfatiza a importância de se tratar o *mythos* como um elemento central na psicoterapia. Ele destaca que os psicólogos deveriam ter uma postura de abertura e permitir que os clientes exponham seus mitos, levando-os a sério, como fez a Dra Frieda no conto das flores, independentemente da origem desses, sejam sonhos, associações ou mesmo da fantasia:

> Todo indivíduo que precisa trazer ordem e coerência ao seu fluxo de sensações, emoções e ideias que adentram na consciência, provenientes de dentro e de fora, é forçado a fazer deliberadamente por si mesmo o que nas eras anteriores era feito pela família, costumes, igreja e estado. Na terapia os mitos podem ser uma tentativa, um modo de tentar novas estruturas de vida, ou uma aventura desesperada de reconstrução de seu modo de vida falido (May, 1991/1993, p.8).

Rollo May não traz uma teoria específica do *mythos* com conceitos como inconsciente, que ganhou destaque na psicanálise freudiana ou inconsciente coletivo, batizado por Carl Jung, mas assinalou o tema do *mythos* em suas reflexões. Ele possui um firme posicionamento sobre essa dimensão. Na sua obra *A Procura do Mito* (1991/1993), tece as relações entre *mythos* e psicologia e argumenta que a ausência desses na sociedade contemporânea, produziu um mundo ausente de encanto, o que consequentemente, contribuiu para a falta de sentido e falta de propósito na vida das pessoas. Inclusive, alarmando a emergência do tema da depressão e suicídio na década de 70, advertindo para eventos como no caso Jim Jones e a tragédia da Guiana, quando envoltos num culto, 980 pessoas se suicidaram (May, 1991/1993). Ele critica o "mito do Iluminismo" que trouxe pessoas informadas e o lema da ciência *ad infinitum*, que deixou o homem num estado de perda de valores e ideais, distanciando-se de sua vida interior, do calor humano e das coisas que dão sentido. O resultado do excesso de ilustração, com empobrecimento da dimensão do *mythos* foi a busca desenfreada por algo que suprisse esse vazio interior, como a drogadição ou os cultos apaixonados, podendo advir como telos, uma série de psicopatologias, culminando até mesmo em suicídio.

O autor sugere também que o *mythos* desempenha um papel capital na com-

preensão da existência humana, fornecendo estruturas narrativas que ajudam a dar sentido à vida e à experiência. Assim, enfatiza a importância de reviver e reinterpretar *mythos* para satisfazer a necessidade humana de sentido e de transcendência, além do fato de que de tais narrativas míticas podem enriquecer a compreensão da existência. O *mythos* pode ser uma ferramenta capaz de ajudar a enfrentar os desafios existenciais da sociedade contemporânea.

Discussão

As narrativas apresentadas anteriormente são como que "mostração" do modo como Carl Jung e Rollo May, cada um a seu modo, abordaram o papel do mythos na psicologia, oferecendo tonalidades específicas na qualificação do mesmo. Jung desenvolveu uma teoria complexa do inconsciente, sistematizando-o em inconsciente pessoal e coletivo, sendo o primeiro relativo aos complexos originários do consciente, e o segundo, uma parte profunda, hereditária e compartilhada com a humanidade, povoada de arquétipos, isto é, padrões universais da humanidade. Trouxe também o conceito de individuação, compreendido como um caminho de desenvolvimento pessoal integrando consciente e inconsciente (Jung, 1962/1986). Cada pessoa possui um caminho único, que integra a história pessoal e os arquétipos trazidos pelo inconsciente. Sua epistemologia enfatizou a importância dos símbolos, da imaginação e deu primazia ao inconsciente, na busca de compreensão da psique humana e busca de significado. Jung postulava que a psique humana se expressa através de símbolos e de *mythos*, mediante os quais, a memória coletiva descende à consciência. A simbolização e a comunicação metafórica são uma via oportuna de conhecimento, por outro caminho distinto ao da lógica. Aqui não se trata de relações causais e formais, mas de uma via mais vívida e evocativa. Assim, trouxe para a psicologia esse universo anímico, os sonhos (já inaugurados por Freud) e estudou os processos hipnagógicos e as imaginações subliminais de seus clientes, como relatado no Caso de Miss Miller, mesmo não sendo uma cliente diretamente sua. Dessa forma, não apenas mediante a análise de sonhos de seus pacientes, mas também a partir de próprios sonhos, revelações lhe foram apresentadas. A partir da compreensão de uma parte profunda da psique, que preexiste e que engloba historicidade e coletividade – o inconsciente coletivo, teorizou sua psicologia. Curiosamente, até mesmo René Descartes, filósofo, matemático, racionalista e pai de toda a ciência moderna que operou no modo do mecanicismo, também foi alvo desses momentos hipnagógicos, de estímulo anímico e de revelações, na busca de sua *mathesis* universal:

> o jovem filósofo, um ardente pesquisador da verdade, entrou numa espécie de entusiasmo *"qui disposa de telle manière son esprit… qu'il le mit en état de reçevoir les impressions des songes et des visions*"("que de tal maneira dispôs o seu espírito… que o pôs em estado de receber as impressões dos sonhos e das visões"). Isso se deu em 10 de novembro de 1619, e ele deitou-se para repousar

> *"tout rempli de son enthousiasme & tout occupé de la pensée d'avoir trouvé ce jour-là les fondemens de la science admirable*"("repleto de entusiasmo e invadido pelo pensamento de ter encontrado nesse dia os fundamentos da admirável ciência"). Teve nessa noite três sonhos consecutivos, que lhe pareceram vir das alturas (Yates, 1964, p.496).

Mesmo que os "sentidos nos enganem", como nos conta Descartes (1637/1991), eles são o meio pelo qual a experiência do homem com o mundo se manifesta. É a volta às coisas mesmas, a objetivação da realidade e vivência do mundo pré-científico. É nesse espaço entre o mundo concreto e a humanidade que a imaginação emerge e, junto com ela, o mundo dos *mythos*, o Reino de Yr e o drama de Chiwantopel.

Assim sendo, Jung procura buscar o sentido e o significado dos sonhos, dos símbolos e dos *mythos* para adentrar na psique humana e compreendê-la. Fica evidente na Canção da Mariposa expressa por Miss Miller, como uma alegoria criada pela paciente, onde as palavras não têm relação causal, mas tem um sentido a ser decifrado. Os *mythos* são vistos como veículos de expressão do inconsciente coletivo e como reflexos do processo de desenvolvimento humano- os processos psicológicos. A mariposa que busca o sol é ao mesmo tempo a imagem arquetípica do homem que busca sentido e da protagonista que busca Deus. Em Jung, dá-se, portanto, uma diluição entre o conflito essencial característico da psicanálise freudiana, onde natureza instintiva e ambiente social são tidos como pólos antagônicos (Figueiredo, 1991/2013 p.117). A perspectiva junguiana é menos conflitante e mais integradora. Além disso, evidencia-se também, a partir da metáfora da mariposa, a função transcendente, isto é, o encontro entre consciente e inconsciente, promovendo uma harmonia entre os opostos (Jung, 2000). Miss Muller, em sua consciência, busca Deus, assim como o arquétipo do homem, um padrão universal da memória coletiva, busca sentido. O pensamento consciente é da ordem da direção, pois está dirigido ao mundo e aos outros. Por sua vez, o pensamento inconsciente é da ordem adirecional ou flutuante sendo, portanto, oposto ao consciente, mas complementar a ele. Dessa integração entre ambos, emerge a função transcendente e um novo elemento, que se expressa mediante o símbolo.

Rollo May, por sua vez, não elaborou uma teoria complexa e específica, incorporando o *mythos* e tecendo redes conceituais, tal como fez Carl Jung. Mas, também estava interessado nas experiências universais expressas nos *mythos* e na busca humana por sentido, como uma condição da existência. O psicólogo humanista não denega o conceito de inconsciente, mas questionou a ênfase dada a ele, propondo uma nova interpretação. Argumenta que desfazer-se da ideia de inconsciente significaria ficar "...mais empobrecidos, ao perdermos grande parte e significação da experiência humana"(May, 1953/1977, p.131), declarando que Freud ampliou o domínio da consciência humana. Rollo May é tributário dos postulados do humanismo que colocam ênfase na consciência, como uma parte essencial do ser

humano. Portanto, propõe uma reformulação da noção de inconsciente, preferindo falar de experiências inconscientes. Ou seja, são vistas como "as potencialidades de ação e percepção que a pessoa não pode ou não quer tornar concretas" (May, 1953/1977, p.133). Em que pese a existência de uma camada profunda, ela sempre pode ascender à conscientização. Conscientizar é aperceber-se das possibilidades existenciais.

Rollo May se interessa pela singularidade e autenticidade da experiência humana, e sua abordagem se volta mais para uma questão existencial: a ansiedade existencial, a morte, a liberdade e o significado da existência. Os *mythos* expressam as complexidades da condição humana e correspondem a uma resposta simbólica a essas necessidades existenciais. Na sua obra *A Procura do Mito*, cujo título original *Cry for Myth* expressa com muito mais intensidade afetiva a necessidade humana de mitos, ele delata que no contexto contemporâneo o mythos foi negligenciado, deixando o homem numa situação de "corações doloridos e lamúrias" (May, 1991/1993, p.4), sem ter aonde aliviar a culpa e ansiedade existencial, culminando em vazio existencial. Para o psicólogo, a origem do desenvolvimento da psicoterapia está na sucumbência dos mitos, deixando o homem sem direção, sem propósito, iniciando uma jornada em busca de ajuda e de identidade. No retrato que traz de Déborah Blau, o imaginário da jovem composto pelo paracosmo de Yr é a metáfora dessa necessidade existencial de mitos, aonde Anterrabae, Lactameon, Pássaro-um e seus conterrâneos aliviam o peso de sua existência e lhe ajudam a enfrentar seus dramas existenciais. Já que Déborah não encontra os myt*hos* da sociedade, ela, internamente cria o seu próprio reino imaginário, como forma de amparo e busca de significado. Ela cria o mundo imaginário, mas não cria a necessidade deles. Isso desvela uma característica que parece ser essencial na condição humana: a necessidade de *myhtos*.

Com respeito à interpretação dada ao *mythos*, ao longo da história, houve predomínio da alegoria como forma de leitura dos *mythos*, desde a Grécia Antiga até o séc. XX (Cassirer, 1944/1997). A alegoria é uma forma de expressão aonde a linguagem não possui um sentido literal, mas transmite um significado que está oculto na simbologia. É uma forma de transmitir conceitos e teorias de uma maneira mais acessível, palatável e envolvente. Esteve muito presente nos mitos gregos e na Bíblia. Entretanto, em ambos os psicólogos se denota um modo de interpretação que vai além da alegoria. Em Rollo May, com o enfoque na consciência, o símbolo emerge como uma via de mostração do psiquismo. Cabe ao psicoterapeuta a postura de abertura e a sensibilidade para lidar com a natureza do símbolo e dos fenômenos que se mostram no e por meio dele, embora a mostração ganhe diferentes configurações em diferentes momentos da vida, e o símbolo também esteja ali, a serviços desse contínuo desvelar-se. Pássaro-Um, personagem presente no conto das flores, é a expressão simbólica mostrada pela própria Déborah Blau, protagonista da história, sobrevoando os limites entre o real e o imaginário. Em Carl

Jung, o *mythos*, além de alegoria, assume também a sua forma originária e fundamental, retratando aquilo que ele quer dizer: uma expressão sensível resultante do encontro entre homem e mundo, na qual o homem significa os dados sensíveis da realidade mediante a expressão e a representação. Jung integra o *mythos* na sua forma de fazer psicologia, incluindo a metáfora radical e o pensamento mítico em suas ideias, tomando partido, portanto, de uma tautegoria. De seus próprios sonhos ou de sua imaginação subliminal, o psicoterapeuta tecia o arcabouço teórico de sua epistemologia. Não apenas no seu imaginário, mas também no de seus clientes, Jung tecia uma espécie de alquimia, numa dança entre ciência e magia. Nas fantasias de Miss Miller, criadas pela própria personagem verídica, Chiwantopel é a figura do herói de morte prematura, ou seja, a imagem de uma mulher que teve sua libido não desenvolvida.

Na psicoterapia, ambos os teóricos incorporam a compreensão dos *mythos* no set terapêutico. Em Jung, incorpora-se a análise de sonhos, mediante identificação de elementos mitológicos, de forma a trazer *insights* e significados para o indivíduo. No trabalho clínico em Rollo May, defende-se uma postura de abertura do terapeuta para a emergência dos *mythos*, trazendo-os à consciência, e sendo vistos como uma ferramenta valiosa no trato das questões existenciais e na busca de sentido.

Ambos os psicólogos trouxeram importantes contribuições para o pensamento na psicologia, trazendo não apenas novos conceitos e teorias, como se inscrevem numa problemática inaugurada pelo romantismo, que traz o tema da expressão (Figueiredo, 1991/2013, p.33). A expressão do homem é a manifestação da experiência humana que se dá de forma simbólica e significativamente. Inserido numa época e num contexto cultural, é nesse encontro entre homem e mundo que ele se expressa. O *mythos*, portanto, é uma das manifestações expressivas entre homem, mundo e cultura. Além disso, ambos os teóricos se voltaram também para as especificidades, singularidades e a subjetividade do homem, temas que ficaram à margem do império das matrizes cientificistas, cujos métodos são vistos como insuficientes para dar conta dos fenômenos subjetivos (Figueiredo, 1991/2013).

A experiência relatada nas fantasias de Miss Miller, narradas por Carl Jung, e no conto das flores, pelas palavras de Rollo May, trouxeram ensinamentos para a psicologia e a psicoterapia, instruindo que é preciso acolher o paciente em sua dimensão imaginária e nos seus *mythos*, sejam eles delírio, sonho, alegoria ou tautegoria.

Ambas as personagens, real ou fictícia, mas plenas de *ánima,* sinalizaram que existe outra forma de compreender essas categorias kantianas de espaço e tempo, para além da lógica e da razão, colocando-nos imersos na função da *aisthesis* e mostrando que existe um espaço poético, pleno de Kairós. Essa saída do tempo possibilitada pela leitura de ambas as narrativas se aproxima da ideia de inexistência do tempo de sucessão, característica do pensamento mítico. Aqui, saímos do tempo histórico e vivenciamos outra ordem tempo: um tempo fabuloso, de contor-

nos difusos.

Considerações Finais

Psicologia e *mythos* teceram um profícuo diálogo em meados do século XX, tanto pela lente da psicologia profunda de Carl Jung, quanto pelo humanismo de Rollo May. Esse diálogo encontrou um primeiro interlocutor na Psicanálise Freudiana, quando Sigmund Freud trouxe para o âmbito da psicologia a noção de inconsciente e o paracosmo mitológico presente na Grécia Antiga. Jung, discípulo de Freud, expandiu o conceito de inconsciente para inconsciente coletivo, remetendo a uma memória ancestral da humanidade e recorreu ao discurso simbólico presente nos sonhos, fazendo uma ponte entre o espaço intermediário do consciente e inconsciente. De outra parte, Rollo May, sem desenvolver um léxico próprio sobre o tema do *mythos*, mas apropriando-se genuinamente dele, também estreitou laços na relação entre ciência e mundo anímico-imaginário, e fez uma defesa do *mythos* desvelando sua importância para cultura e para o homem. Ele diagnosticou o homem contemporâneo como um ser desencantado (May, 1991/1993), por ter se afastado de si mesmo e dos *mythos*, e acendeu a sirene para o mal-estar da sua época, denunciado a depressão, o suicídio e os cultos de massa.

Tal panorama contrasta com os primórdios da Psicologia, que na sua emergência como ciência, herdou os traços do cartesianismo, das ciências exatas, da visão mecanicista do relógio e da figura de Coppélia, uma boneca de *res* extensa e sem *ánima*, todos concebidos como um aparelho constituído de pequenas peças, desmontáveis e replicáveis. Essa inspiração cientificista se manifestou na psicologia experimental de Wilhelm Wundt, multiplicou-se ao longo da história da psicologia. Os proclames cartesianos, portanto, ainda ecoam na atualidade. Entretanto, a ciência da psiquê demonstrou no seu desenvolvimento sintomas de mal-estar, sinalizando que mais que uma aparelho psíquico, era mandatório conceber esse objeto humano da psicologia em sua completude, considerando-se também seus atos e vivências. Em paralelo, novas correntes emergiram no panorama da Psicologia, procurando despir-se de uma roupagem que limitava seus movimentos. A armadura de batalha, o elmo e o escafandro com o qual a psicologia se vestiu para mostrar ao mundo científico que uma nova ciência emergia, tornaram-se justos no seu desenvolvimento.

Nas veredas da ciência em que Jung se encontrava, angustiado com os limites da medicina para dar conta dos problemas da alma de seus pacientes, ousou trazer um universo anímico para a psicologia, levando em consideração o inconsciente coletivo; os sonhos, como uma função compensatória; o simbolismo e o pensamento mítico. Miss Miller se apresentou como um símbolo, uma antítese do homem dos nossos tempos. Ela pareceu sinalizar que o homem da nossa cultura desaprendeu a linguagem dos símbolos, tornando-se órfão da dimensão do imaginário. Através de suas palavras, ela nos mostrou os conceitos que compunham a teoria junguiana,

como também assinalou a importância do sentido adquirido a partir de suas fantasias. Através dos *mythos*, das metáforas, entre sonhos e imaginações subliminais, pela via do inconsciente, conferiu sentido para a sua existência. Além disso, o psicoterapeuta suíço também demonstrou uma postura fenomenológica, ao valorizar a experiência subjetiva de seus pacientes.

Rollo May, por sua vez, detectou um traço marcante em sua sociedade: o alarmante índice de depressão e suicídios, diagnosticando o desencanto de sua época. Diante dessa problemática, com foco na angústia existencial, identificou a necessidade humana de *myhtos*, como uma condição inerente qualquer ser humano. A partir da estória de Déborah Blau e o Reino de Yr, com todos os seus seres cheio de *ánima*, nos convidou a adentrar no universo do imaginário e nos transportou, como leitores, para outro espaço e tempo que não aquele da cotidianidade. Ali, um suposto quarto nível nos seduziu a deixar fantasmagoria da realidade do lado de fora da porta de entrada e mostrou o quão complexo pode ser a tarefa de identificar os limites entre esquizofrenia e imaginação. Sinalizou também a importância da epoché na postura do psicoterapeuta, para acolher o paciente na sua essência. Déborah Blau foi a metáfora da necessidade humana de *mythos*, pois, para suportar o seu sofrimento existencial, necessitou criá-los para trazer sentido à sua experiência de vida. Dessa forma, Rollo May, também trouxe para o cenário da psicologia a importância dos *mythos* e sua doação de sentido, mas por uma via distinta da de Jung: a conscientização, isto é, dar-se conta dessas possibilidades existenciais a partir da consciência. Mesmo que cada abordagem e respectivo teórico tragam relevantes aportes, eles possuem também suas limitações. O foco no indivíduo, trazido em ambas correntes, tanto com Jung, com a ideia de individuação, assim como em Rollo May, com sua perspectiva focada no homem e na angústia existencial, pode negligenciar as complexidades sociais e culturais e sua influência na psique humana e na formação de personalidade e identidade. Ademais, com respeito a teoria junguiana, pode ser vista como complexa, abstrata e de difícil compreensão e aplicação, nomeadamente para aqueles que possuem interesses mais pragmáticos. O seu sincretismo com outras ordens de conhecimento como alquimia, buscando falar sobre o indizível dos mistérios da psique, também podem sofrer resistência e dificuldade de aceitação nos meios acadêmicos. Por outra parte, em Rollo May, não se nota uma clara sistematização e estruturação, com descrição de recursos e técnicas de aplicação, percebendo-se mais *insights* filosóficos e terapêuticos. Ressalta-se que esta pesquisa é apenas um recorte e, para melhor profundidade nas bases clínicas epistemológicas de ambos os teóricos, sugere-se novas consultas e pesquisas.

Tais relatos de experiência convidam também os pesquisadores a sondarem outras correntes que integraram o *mythos* nos seus *corpous analiticum* e a conhecer outras estórias ou histórias de vida que mesclaram realidade e fantasia. É um convite a sondar outros expoentes, menos conhecidos, que também integra-

ram mythos e psicologia, como Paul Diel (1991), psicólogo francês que se inspirou em Freud e Jung, explorando o simbolismo do *mythos*. Assim como também seria oportuno explorar a pesquisa sobre recursos expressivos, tais como as mandalas usadas por Jung, a arte, a literatura e a poesia e sua aplicação na psicoterapia, sugerindo-se trazer o *mythos* para o set terapêutico, numa ordem de *mythoterapia*. Explorar tais recursos podem proporcionar alternativas criativas para lidar com as questões da existência. Sugere-se também fazer um mapeamento de onde e como entrariam os *mythos* contemporâneos na psicologia clínica: integrados em alguma nova modalidade epistemológica, ancorados à analítica junguiana, à psicanálise freudiana ou mesmo silenciados? E qual a eficácia desses no tratamento das questões existenciais?

Outrossim, as narrativas apresentadas nos convidaram a ter contato com a sensibilidade, com aquilo que não é técnico, teórico, nem pragmático, mas parassimpático: uma verdadeira experiência de sensibilidade, como notas de uma melodia, que convidam o leitor à sua audição na sinfonia a ser tocada pelas mãos de Ernst Cassirer. Suas partituras constituem um próximo capítulo a ser explorado na busca de legitimação. É um convite a uma tertúlia entre Coppelia, o relógio de corda, o Pássaro-um, a Mariposa e Chiwantopel. Isto é, um convite ao encontro entre matrizes cientificistas, românticas e pós-românticas e um possível encontro entre ciências da natureza (*naturwissenschaften*) e ciências do espírito (*geistswissenchaften*).

Referências

Alencar, K. C. de L., & Freitas, M. H. de. (2023). E*xploring Existential Questions – A Comprehensive Review of Psychological Literature (2000-2023)* – Part1. Global Journal of Human-Social Science, 23(H8), 1–27. https://doi.org/10.34257/GJHSSHVOL23IS8PG1

Alonso G., J. C. (2009). Una interpretación psicológica del mito kogi de la creación. *Revista CES Psicología*, 2(1), 7.

Azevedo, N. S. N. de, & Scofano, R. G. (2018). *Introdução aos pensadores do imaginário*. Campinas: Alínea.

Beaumont, C. W. (1953). O *Livro do Ballet: Um guia dos principais bailados dos séculos XIX e XX*. (J. H. C. Lopes, Trad.). Editora Globo.

Brentano, F. (2009). *Psychology from an Empirical Standpoint* (O. Kraus, Ed., L.L. McAlister, Ed., & P. Simons, Ed., Trad.). Routledge. (Original publicado em 1874)

Bucher, R. (1981). Psicologia científica: realidade ou mito? *Psicologia: Ciência e Profissão, 1*(1), 11-37. Recuperado em 04 de janeiro

de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci$_{a}rttext\&pid = S1414 - 98931981000100001\&lng = pt\&tlng = pt.$

Capra, F. (1996). *A Teia da Vida.* São Paulo: Cultrix.

Cassirer, E. (1997). *Ensaio Sobre o Homem*. (trad. Tomás Rosa Bueno, 1ª ed.). Editora Martins Fontes. (Original publicado em 1944)

Descartes, R. (1991). *Discurso do método.* Nova Cultural. (Original publicado em 1637)

Descartes, R. (1991). *As paixões da alma*. Nova Cultural. (Original publicado em 1649)

Descartes, R. (1991). *Meditações.* Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1641)

Diel, P. (1991). *O simbolismo na mitologia grega* (R. Cacuro & M. M. Santos, Trad.). São Paulo: Attar.

Durand, G. (1995). *A imaginação simbólica* (Vol. 45, Coleção Perspectivas do Homem; Vol. 45, Perspectivas do Homem. As culturas, as sociedades). Edições 70. ISBN 9724409023, 9789724409023

Eliade, M. (2016). *Mito e realidade*. (Pola Civelli, trans., 6a ed.). Perspectiva. (Original publicado em 1963)

Fadiman, J., & Frager, R. (1986). Teorias da personalidade. Editora Harbra Ltda.

Figueiredo, L. C. M., & Santi, P. L. R. D. (1997). *Psicologia, uma nova introdução: Uma visão histórica da psicologia como ciência.* São Paulo, Educ.

Figueiredo, L. C. (2013). *Matrizes do Pensamento Psicológico* (19a ed.). Vozes (Original publicado em 1991)

Freire, I. R. (2008). *Raízes da psicologia* (11a ed.). Vozes.

Greenberg, J. (1974). N*unca lhe Prometi Um Jardim de Rosas* (J. Benchimol, Trad.). Editora. (Original publicado 1964)

Husserl, E. (2002). *A crise da humanidade europeia e a filosofia.* (2a ed). Lusofia Press. (Original publicado em 1935)

Jung, C. G. (1975). *Memórias, sonhos e reflexões* (Aniela Jaffé, Ed.; Dora Ferreira da Silva, Trad.). Nova Fronteira. (Original publicado em 1961)

Jung, C. G. (1986). *Memórias, Sonhos, Reflexões.* (D. Ferreira da Silva, Trad.). Editora Nova Fronteira. (Original publicada em 1962)

Jung, C. G. (2000). *A Natureza da Psique*. (P. D. Mateus Ramalho Rocha, Trad.). Editora Vozes. (Original publicada em 1971)

Jung, C. G. (2011). *Símbolos da Transformação: Análise dos Prelúdios de uma Esquizofrenia*. (E. Stern, Trad., J.). Vozes. (Original publicado em 1952)

Kerr, J. (1997). *Um Método Muito Perigoso – Jung, Freud e Sabina Spielrein: a História Ignorada dos Primeiros Anos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Laurenti, C., Lopes, C. E., & Araújo, S. d. F. (Eds.). (2016). *Pesquisa Teórica em Psicologia: Aspectos Filosóficos e Metodológicos*. Hogrefe CETEPP.

Mano, G., Corso, M., & Weinmann, A. de O. (2018). Psicanálise e cultura pop: os mitos no contemporâneo. *Psicologia USP, 29*(1), 78–86.

Massière, F. M. (2016). *A Construção da Psicologia Analítica a Partir do Livro Símbolos da Transformação: o processo de escrever e reescrever uma psicologia*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais e Socioeducativos, Universidade Federal de São João del-Rei] Repositório UFSJ.

May, R. (1977). *Psicologia e o dilema humano* (C. A. S. Netto, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1953)

May, R. (1993). *A Procura do Mito*. (Anna Maria Dalle Luche trad.). Manole. ISBN-13: 9788520400562, ISBN-10: 8520400566. (Original publicada em 1991)

Merleau-Ponty, M. (1999). Fenomenologia da Percepção (C. A. Ribeiro de Moura, Trad., 2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945).

Noll, R. (1994). *O Culto De Jung: Origens De Um Movimento Carismático*. [The Jung Cult: Origins of a Charismatic Movement]. Ática.

Organização Mundial da Saúde. 2022. *Depressão*. https://www.who.int/health-topics/depressiontab=tab$_3$.

Ponte, C. R. S. da, & Sousa, H. L. de. (2011). Reflexões críticas acerca da psicologia existencial de Rollo May. *Revista da Abordagem Gestáltica, 17*(1), 47-58.

Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (1998). *História da Psicologia Moderna* (Priscilla Rodrigues Lopes, Trad.).

Serbena, C. A. (2010). Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Revista Da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, 16*, 76–82

Souza, A. A. T., & Rocha, Z. J. B. (2009). No princípio era o mythos: articulações entre Mito, Psicanálise e Linguagem. E*studos de Psicologia (Natal, Brazil), 14*(3), 199–206.

Wundt, W. (2013). *Elements of folk psychology outline of a psychological history of the development of mankind.* (E. Leroy trad.). George Allen & Unwin LTD. (Original publicado em 1916)

Yates, F. A. (1964). *Giordano Bruno e a tradição hermética* (Y. S. de Toledo, Trad.). São Paulo: Cultrix

Nota sobre as autoras

Kenia Cristiana de Lima Alencar é Mestre e Doutoranda em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília (UCB). Bacharela em Filosofia pela UCB e Arquiteta e Urbanista pela Universidade de Brasília (UNB). E-mail: keniacla@hotmail.com

Marta Helena de Freitas é Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (2002), com Pós-Doutoramento no Department of Religious Studies, School of European Culture and Languages, University of Kent at Canterbury, UK (2011-2012) e pelo Programa Doutoral em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal (2014-2015). Graduada em Psicologia e Licenciatura em Psicologia (1985) e mestre em Psicologia Social e da Personalidade (1991), ambos pela Universidade de Brasília. Professora adjunto da Universidade Católica de Brasília - UCB, desde 1989, atuando hoje no programa de mestrado e doutorado em Psicologia. Coordenadora da Comissão "Psicologia e Religiosidade" do CRP-01. Coordenadora do GT Psicologia & Religião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia - ANPEPP. Membro da International Association for the Psychology of Religion. E-mail: mhelenadefreitas@gmail.com

Data de submissão: 05.08.2024
Data de aceite: 06.06.2026